

APOIO:



Todos os direitos reservados: ABRALIN

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Magno Nicolau

REALIZAÇÃO:
ABRALIN

ISBN 978-85-7539-446-5

A534

Anais - VI Congresso Internacional da Abralín /
Dermeval da Hora (org.). - João Pessoa: Ideia, 2009.
4604p. VOLUME 2

1. Lingüística 2. Hora, Dermeval da.

CDU 801



EDITORA LTDA.
(83) 3222-5986

www.ideiaeditora.com.br
ideiaeditora@uol.com.br

Foi feito o depósito legal
Impresso no Brasil

ANÁLISE PRELIMINAR DOS QUANTIFICADORES NUMÉRICOS E NÃO- NUMÉRICOS EM KRENÁK (FAMÍLIA BOTOCUDO)

Nádia Maria Jorge Medeiros (PPGEdu, LALI – UnB)

Maxwell Gomes Miranda (PPGL, LALI – UnB)

INTRODUÇÃO

Este estudo tem por finalidade uma abordagem preliminar das expressões de quantificação numérica e não numérica da língua Krenák (Família Botocudo) numa perspectiva lingüística e etnomatemática. A língua Krenák pertence à família Botocudo, tronco Macro-Jê (Rodrigues 1986, 1999). A denominação Botocudo foi dada aos Krenák na época do contato, por estes índios usarem botoques nas orelhas e nos lábios. O povo indígena Krenák vive atualmente nos estados de Minas Gerais e São Paulo. A motivação primeira para este trabalho nasceu da convivência da autora com o povo Krenák de Minas Gerais e do seu desejo de entender como funcionava o sistema de contagem desses índios em contraste com o sistema de contagem dos não-índios. O trabalho tem sido possível graças à decisão dos Krenák de documentar todas as informações relativas ao seu sistema próprio de contagem.

Durante a primeira fase de nossa pesquisa, estivemos diante de uma questão central que não pode deixar de ser mencionada no presente estudo, que é a importância da língua Krenák para os seus últimos falantes. Seki (1984 *apud* Araújo 1992, p.27) observa que “mesmo os representantes que não dominam a língua encaram-na como marca étnica, como o único bem que lhes restou, ‘como o último reduto no qual concentram forças contra a incursão dos civilizados’”.

Os dados que fundamentam esta pesquisa vêm de quatro fontes: os dados contidos no Vocabulário Português-Botocudo, de autoria do Monsenhor Claro Monteiro (1898), dados de Silva (1986), dados de Seki (2000) e dados de primeira mão, coletados por um dos autores deste trabalho junto a Douglas Krenák, que vive em uma das três comunidades Krenák de Minas Gerais, conhecida como comunidade Atoran. Nessa comunidade, que está localizada na Terra Indígena Krenák, situada à margem esquerda do Rio Doce, no município de Resplendor, a 445 km de distância de Belo Horizonte, MG, vivem aproximadamente 60 pessoas.

O estudo procura identificar as expressões lingüísticas de quantificação na língua Krenák, para futuramente descrever a sua semântica, status gramatical e as classes sintáticas a que pertencem. Caracteriza-se, portanto, como um trabalho lingüístico descritivo que deverá ser associado a uma futura pesquisa orientada por procedimentos próprios da pesquisa etnomatemática. Quanto à análise lingüística, esta se pauta em procedimentos descritivistas, como o estabelecimento de contrastes, de comutação e de distribuição complementar, e considera critérios morfológicos e sintáticos para a caracterização das expressões lingüísticas quantificadoras do Krenák. O estudo considera, ainda, trabalhos sobre quantificação e sistemas numéricos em línguas amazônicas, especialmente nas línguas Macro-Jê e Tupi.

1 ESTUDOS PRECEDENTES SOBRE A LÍNGUA KRENÁK

A língua Krenák foi objeto de estudo de duas dissertações de mestrado (Silva 1986; Araújo 1992), de cinco artigos científicos (Seki 1984, 1990, 2000, 2004; Pessoa 2008) e três manuscritos inéditos, dois de autoria de Seki, um sobre a fonologia (1985) e outro sobre a gramática (1986), e um de autoria de Mansur Guérios. Sobre a língua dos Botocudos há ainda vocabulários: Wied-Neuwied (1821), Pierre Victor Renault (1836), Hermenegildo Antonio Barbosa D’Almeida (1845), Marcus Porte (1846), Carl Friedrich Philipp von Martius (1863), França Leite (1882), Paul Ehrenreich (1887), Claro Monteiro do Amaral (1898), Bruno Rudolph (1909), Antonio Estigarribia (1912), Antonio Carlos Simoens da Silva (1924), Guido Tomás Marlière (1925), Auguste de Saint-Hilaire (1938), Curt Nimuendaju (1939), Loraine Bridgeman (1958), Charlotte Emmerich e Ruth Monserrat (1973), Waldemar Alves Baeta (s.d.), Carl Friedrich Hartt (s.d.). Além destes, há dois vocabulários anônimos, um de 1882 e outro sem data.

1.1 A transcrição dos dados Krenák

Apresentamos nesta sessão os quadros fonéticos dos sons do Krenák segundo Silva (1986) e de Seki (2004). As transcrições dos nossos dados aproximam-se mais dos fatos fonéticos identificados por Seki (2004).

Descrição dos segmentos consonantais em Krenák (Silva, 1986: 29)

	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5	Q6	Q7
[p]	Pul.	Egr.	Desv.	Or.	9	1	Ocl.
[t]	Pul.	Egr.	Desv.	Or.	11	3	Ocl.
[k]	Pul.	Egr.	Desv.	Or.	14	5	Ocl.
[ʔ]	Pul.	Egr.	O.g.	--	--	--	Ocl.
[b]	Pul.	Egr.	Voz.	Or.	9	1	Ocl.
[d]	Pul.	Egr.	Voz.	Or.	11	3	Ocl.
[g]	Pul.	Egr.	Voz.	Or.	14	5	Ocl.
[m]	Pul.	Egr.	Desv.	Ndo.	9	1	Nas.
[n]	Pul.	Egr.	Desv.	Ndo.	11	3	Nas.
[ɲ]	Pul.	Egr.	Desv.	Ndo.	13	4	Nas.
[ŋ]	Pul.	Egr.	Desv.	Ndo.	14	5	Nas.
[m]	Pul.	Egr.	Voz.	Ndo.	9	1	Nas.
[n]	Pul.	Egr.	Voz.	Ndo.	11	3	Nas.
[ɲ]	Pul.	Egr.	Voz.	Ndo.	13	4	Nas.
[ŋ]	Pul.	Egr.	Voz.	Ndo.	14	5	Nas.
[tʃ]	Pul.	Egr.	Desv.	Or.	12	4	Afr.
[tʃ]	Pul.	Egr.	Voz.	Or.	12	4	Afr.
[X]	Pul.	Egr.	Desv.	Or.	14	5	Fri.
[ʒ]	Pul.	Egr.	Voz.	Or.	13	4	Fri.
[r]	Pul.	Egr.	Voz.	Or.	11	3	Tap

Vogais Orais e Nasais (Silva, 1986: 44)

Vogais orais:

1. [i]
2. [i]
3. [ɛ]
4. [a]

Vogais nasais:

- | | | | |
|---------|-----------|----------|----------|
| 5. [ɔ] | 9. [ĩ] | 13. [ã] | 17. [ẽ̃] |
| 6. [ə] | 10. [ĩ] | 14. [ã] | 18. [ũ] |
| 7. [u] | 11. [ɛ̃] | 15. [õ] | 19. [ũ] |
| 8. [u] | 12. [ɛ̃] | 16. [ɔ̃] | |

Quadro de sons (Seki, 2004)

p	t	tʃ	k	▪	i	ĩ	u
mb	nd	nʃ	ŋg		e	ə	o
m	n	ɲ	ŋ		ɛ	a	ɔ
m	n	ɲ	ŋ				
w		j/ʒ	h		i	ĩ	u
	r				e	ã	õ

Os dados coletados para este estudo apresentam consoantes nasais pós-oralizadas, como registrados por Seki (2004), de forma que a forma fonética das palavras aqui utilizadas considerará a existência desses sons.

2. PROBLEMATIZAÇÃO

Os diferentes povos, de um modo geral, tendem a desenvolver diferentes estratégias e mecanismos para quantificar o mundo, conforme a sua necessidade cultural. Essa quantificação pode ser feita por meio de terminologias que contemplam diferentes modos de mensuração. Assim, há culturas que expressam linguisticamente e de forma detalhada medidas lineares e de capacidade, enquanto que outras culturas o fazem de modo mais simplificado, embora com o mesmo ou maior grau de elaboração mental de quantificação. Muitas povos possuem apenas três palavras correspondentes a numerais, mas de sua cultura material sobressaem produtos para a fabricação dos quais são requeridas operações quantificadoras de alto grau de elaboração, como as casas comunais indígenas. Outros aspectos de sua cultura envolvem igualmente quantificação, como a divisão e distribuição dos alimentos, contagem do tempo, divisão das partes do dia, da noite, entre outros.

É fato conhecido que uma língua pode utilizar diferentes estratégias lingüísticas para expressar noções quantificadoras numéricas e não numéricas, como nomes, adjetivos, advérbios, combinações sintáticas de nomes, reduplicação de temas nominais e verbais, reduplicação de partículas, predicados inteiros, entre outras.

2.1 Palavras quantificadoras em Krenák

3.1.1 Numerais

Com respeito ao Krenák, Monteiro (1898) observa que esta língua possui palavras correspondentes a três numerais, de 1 a 3:

- (1) 'potchík' 'um'
 (2) 'grimpó' 'dois'
 (3) 'crotouýp' 'três'

Atualmente, alguns falantes mais jovens usam as palavras *inhauiti* 'muitos, vários' para quatro e *pó* 'mão' para cinco, as quais não foram registradas por Monteiro (1898).

Observamos que, além de fazer uso de substantivos para expressar numerais, a língua Krenák faz uso de outras expressões de quantificação, como palavras interrogativas e pronomes indefinidos, dentre as quais:

(4)	<i>erúca</i>	'muito, vários, bastante'
(5)	<i>intá</i>	'mais'
(6)	<i>copo</i>	'meio'
(7)	<i>knó</i>	'metade'
(8)	<i>niknhíne</i>	'pouco'
(9)	<i>unha</i>	'punhado'
(10)	<i>pantã</i>	'todos, tudo'
(11)	<i>angrêne</i>	'outros'
(12)	<i>tan</i>	'quanto, quão'

Das palavras quantificadoras que expressam numerais documentadas por Monteiro (1898), *ngri* 'm' 'dois' é também registrada por Silva (1986) e por Seki (2000). Silva registra também a palavra para 'três' *kratuiip*, para 'todos', *pãn'da* , para 'muito' *jaw'it*, para 'pouco' *ãj'gwĩn*, para 'comprido' *e'rõn* e para 'só/solitário' *pu'fi* .

Tentamos verificar, junto a um dos falantes Krenák, se este detinha o conhecimento dessas palavras, mas ele não reconheceu a maioria delas.

3. A RETOMADA DAS EXPRESSÕES LINGÜÍSTICAS DOS QUANTIFICADORES KRENÁK

A língua com as expressões quantificadoras numéricas e as não-numéricas é aqui entendida como um provável mecanismo de resistência. Desde a década de 1980, quando os Krenák deixaram a fazenda Guaraní - antigo campo de concentração do SPI, no regime militar -, fizeram o caminho de volta para a área de onde foram expulsos, onde vivem atualmente, iniciaram um movimento de revitalização da língua. Após anos sem ter o direito de se expressar livremente em língua nativa, o povo passou a falar sem receios e a ensiná-la na escola, tanto para crianças quanto para adultos que tinham crescido no exílio sem a oportunidade de aprendê-la. Nadil Krenák, em comunicação pessoal, relatou que, mesmo com a proibição de se falar na língua por imposição das autoridades não-índias, a língua resistiu e não foi esquecida.

4. SOBRE A ETNOMATEMÁTICA

A vertente da educação matemática, nomeada por etnomatemática, se distancia de uma dicotomia construída pela matemática ocidental¹, que produz uma divisão entre uma “matemática acadêmica” e uma “matemática popular”. Tais expressões usadas por Gelsa Knijnik (1996) caracterizam a matemática acadêmica como a matemática produzida por grupos legitimados socialmente, como produtores de ciências, e recontextualizada na escola, enquanto que a matemática popular é entendida como aquela produzida por grupos não hegemônicos e, comumente, excluída do currículo escolar. Enfatizamos que ao falar de uma “matemática popular”, não nos pautamos em um ranço preconceituoso que distancia grupos social e economicamente diferenciados, nem uma cultura aristocrata de uma cultura popular.

Ubiratan D'Ambrosio, em suas teorizações iniciais, ainda na década de 1970, qualificou o que denominou de Programa Etnomatemático como “a busca de entender o fazer e o saber matemático de culturas marginalizadas” (2004, p. 44), e inquietou-se com a possibilidade de não admitir somente a matemática acadêmica como o centro de toda a matemática presente no currículo escolar.

Ao buscar dar visibilidade a outras matemáticas, que além de não povoarem o universo da escola ainda são silenciadas e tratadas como inexistentes, a etnomatemática tenta modificar uma ordem estabelecida na matemática que é ensinada na escola e questiona as narrativas hegemônicas de muitos educadores. Isso remete ao que Knijnik (2004, p.131), que se referiu à etnomatemática como um campo interessado em

“estudar os discursos eurocêntricos que instituem a matemática acadêmica e a matemática escolar; analisar os efeitos de verdade produzidos pelos discursos da matemática acadêmica e da matemática escolar; discutir questões da diferença na educação matemática, dando centralidade à cultura; problematizar as dicotomias entre a cultura erudita e a cultura popular na educação matemática.”

Na tentativa de ouvir outras falas que não sejam apenas as da matemática acadêmica e fundamentadas em uma idéia de unidade cultural das idéias matemáticas, a etnomatemática se volta para as histórias e os saberes que não estão alinhados com essas posições e nem pertencem a grupos legitimados academicamente.

Nessa direção, ao pesquisar o pensamento matemático do povo Krenák e as suas práticas matemáticas, não há como não problematizar a ausência desse pensamento na escola. A invisibilidade relegada a tantos saberes que não são os marcados pela ciência ocidental silenciam as vozes e exemplificam a falta de espaço para esses conhecimentos.

¹ Neste artigo, denomino com matemática ocidental a matemática que se trabalha na escola, que possui marcas eurocêntricas, masculinas e encarada como universal.

4.1 Os quantificadores Krenák, segundo os primeiros registros da língua

Assim como as narrativas da história da matemática quase sempre foram escritas a partir do ponto de vista do viajante, do estudioso, um dos materiais mais conhecidos sobre a língua Botocudo, foi escrito por um sacerdote e estudioso de línguas indígenas, que viajou pelo Rio Doce em 1898 e 1899. O vocabulário escrito pelo Monsenhor Claro contém aproximadamente 1000 itens lexicais e, provavelmente, foi coletado entre os Nak-Ñapmã, que viviam “nas matas entre Mutum e o Pancas” (Monteiro, 1898), ou seja, próximos aos rios Mutum, em Minas Gerais e Pancas, no Espírito Santo.

Araújo (1992), sob a orientação de Lucy Seky, analisa o mais extenso material registrado da língua dos Naknanuk (subdivisão dos Botocudos), de autoria de Bruno Rudolph (1909), o *Wörterbuch der Botokudensprache* e escreve:

“Materiais sobre o Naknanuk existem somente sob a forma de documentos escritos que apresentam uma série de deficiências. Tais documentos, embora capazes de fornecer dados de natureza geral e tipológica (cf. Câmara; 1959), permitem obter apenas uma aproximação do que teria sido a realidade fonética da língua. Assim, a tentativa aqui feita de determinar, com base nesses materiais, o inventário de sons e suas propriedades fonéticas não somente apresenta lacunas, como tem forçosamente um caráter hipotético.” (Araújo 1992:5)

Nessa perspectiva, acreditamos que o material deixado pelo Monsenhor Claro também apresenta lacunas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As observações que fizemos até aqui e as narrativas que ouvimos do povo Krenák nos levam a idéia de que a quantificação por meio de números nesta língua contemple de um a três. A idéia de que todas as línguas têm nomes para os números não se sustenta. Muitas línguas usam palavras como “só, somente” para expressar a quantidade unitária, como é o caso do próprio Krenák, em que a palavra *pu□ik* foi registrada por todos os pesquisadores como correspondendo ao nome do quantificador numeral ‘um’ e como correspondendo ao significado ‘só’, ‘sozinho’. Este é também o caso de várias outras línguas indígenas brasileiras (Aryon Rodrigues, comunicação pessoal).

Fica cada vez mais claro que, embora um determinado povo tenha um inventário limitado de números, não significa que a sua capacidade de contagem seja limitada. As combinações de um inventário, por menor que ele seja, somadas aos nomes e medidas como “pé” e “mão”, expressam a idéia da infinidade do conjunto formado por um sistema de quantificação, o que não ser confundido com um inventário de números. O ato de quantificar e o de nomear uma quantidade devem ser vistos como ações distintas.

O estudo da herança do conhecimento tradicional de quantificação Krenák, incluindo as palavras sobreviventes relativas a seus quantificadores numéricos e não-numéricos, ajuda a entender as mudanças que ocorreram com esse povo e com a sua língua. Ajuda também, a por em evidência a importância dessa área do conhecimento, que sobrevive, mesmo depois de tão fortes abalos linguísticos e culturais vividos pelos Krenák ao longo de sua história.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Benedita Aparecida Chavedar. *Análise do Wörterbuch Botokudensprache*. 1992. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Estadual de Campinas.
- CONNE panda ríthio Krenak: coisa tudo na língua Krenak. Belo Horizonte: MEC/SEE-MG, 1997.
- D’AMBROSIO, Ubiratan. Etnomatemática e Educação. In: KNIJNIK; WANDERER, Fernanda; OLIVEIRA, Cláudio José de. *Etnomatemática, currículo e formação de professores*. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2004. 446 p.
- EMMERICH, Charlotte; MONSERRAT, Ruth. Sobre os Aimorés, Krens e Botocudos. Notas Lingüísticas. Rio de Janeiro: Fundação Nacional do Índio. Boletim do Museu Nacional do Índio, 1975.

- GREEN, Diana. Os diferentes termos numéricos das línguas indígenas do Brasil. In: FERREIRA, Mariana Kawall Leal. *Idéias matemáticas de povos culturalmente distintos*. São Paulo, SP: Global, 2002.
- KNIJNIK, Gelsa. *Exclusão e Resistência: educação matemática e legitimidade cultural*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1996.
- _____. Currículo e movimentos sociais nos tempos do Império. In: MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; PACHECO, José Augusto; GARCIA, Regina Leite (Orgs). *Currículo: pensar, sentir e diferir*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004e. p.95-107. 223p.
- MONTEIRO, Claro. *Vocabulário Português-Botocudo*. São Paulo: Museu Paulista, Boletim II, Lingüística, 2, 1948.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. 'Macro-Jê.' In Dixon, R. M. W. & Aikhenvald, A. (eds.) *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. 164-206.
- _____. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 1986.